

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A AQUISIÇÃO DA SEGUNDA LÍNGUA NUMA
PERSPECTIVA SIGNIFICATIVA

LÉIA RODRIGUES DA CUNHA CARVALHO DE ABREU



ex 1
C 92969750

11/11/37
Ala 2

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A AQUISIÇÃO DA SEGUNDA LÍNGUA NUMA
PERSPECTIVA SIGNIFICATIVA

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de
Pontes e Lacerda como requisito final
para a obtenção do grau de Licenciada
em Letras.

Orientadora: Profª Carmen Zirr

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

DEDICATÓRIA

*A Deus, por capacitar-me e dar-me
inteligência para concluir mais uma
etapa tão importante em minha vida;
Ao meu esposo, pelo companheirismo e
incentivo no decorrer de todo o curso;
À minha mãe, pela sua dedicação e
ternura;
À minha filhinha Larissa por sua
paciência e compreensão.*

AGRADECIMENTOS

*À minha orientadora profª Carmen Zirr,
pela dedicação profissional e incentivos
que carinhosamente proporcionou-me
para a realização deste ensaio
monográfico;*

*A todos os professores e colegas de
curso;*

A todos, minha sincera gratidão.

*Nenhum esforço, por grande que seja,
suprirá mais tarde as deficiências de um
primeiro passo mal dado na
aprendizagem de um língua estrangeira.*

Slama-Cazacu

SUMÁRIO

Capítulo	Página
I. APRESENTAÇÃO.....	07
II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	08
III. METODOLOGIA.....	17
SUJEITOS.....	17
INSTRUMENTO E COLETA DE DADOS.....	17
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	18
ANÁLISE DE DADOS.....	20
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

APRESENTAÇÃO

Partindo de algumas reflexões do processo ensino-aprendizagem de língua estrangeira, o presente estudo tem como objetivo instigar o educador a analisar seus métodos e objetivos adotados na sua prática em sala de aula.

Este trabalho apresenta questões primordiais quanto a prática pedagógica, considerações sobre o processo significativo bem como a importância de se dar mais ênfase na oralidade no ensino de língua inglesa.

Efetuamos um estudo através de observações e pesquisas com discentes do 1º ano do ensino médio de uma escola estadual, sobre os métodos de ensino utilizado pelo professor.

O resultado de nossa pesquisa, assim como as opiniões de vários estudiosos estão demonstradas neste trabalho.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tomando como objeto de estudo a análise do processo ensino-aprendizagem de Língua Inglesa dentro do prisma oralidade, explanaremos alguns conceitos teóricos, nesta relevante questão.

O homem ao nascer traz consigo traços de sua personalidade, sua maneira de agir e pensar, traz também a sua inteligência em desenvolvimento para enfrentar situações inéditas e buscar assim a superação de seus problemas, sejam estes individuais ou sociais.

Ao contrário dos animais que se situam somente na ordem biológica, o ser humano se situa na ordem do simbólico, criando signos lingüísticos. Ao nascer a criança não tem os instintos desenvolvidos e preparados para enfrentar a vida, sendo na interação com os outros, que esta se vê de repente cercada por enormes quantidades de dados lingüísticos desordenados em seu meio ambiente, incluindo sentenças gramaticais e falas organizadas.

Neste impasse, a criança aos poucos vai selecionando e internalizando dados para consequentemente construir sua forma de expressar. Entre cinco e seis anos de idade, a criança já é capaz de se comunicar oralmente com os falantes de sua língua, já dominando o sistema em sua forma falada. Diz Chomsky (p. 24 e 25) que "...uma criança que aprendeu uma língua desenvolveu uma representação interna de um sistema de regras que determinam como as sentenças devem ser formadas, usadas, compreendidas."

Tal argumento afirma que ao aprender uma nova estrutura frasal lingüística, a criança não só aprende acerca de uma língua, mas desenvolve um complexo sistema de internalização.

É através destes processos cognitivos que a criança aprende a se comunicar, organizar seus pensamentos e ampliar suas formas de compreender o mundo, entre erros e acertos, junto a seres semelhantes em realizações e atividades que ela desenvolverá segundo suas próprias características individuais.

Desta forma uma vez que a criança adquire a sua língua nativa, ela internaliza um sistema de regras, passando então a ser capaz de produzir e compreender diferentes sentenças. Segundo Lima, "... ninguém pode realmente ensinar uma língua, apenas pode apresentar condições sob as quais ela, espontaneamente, se desenvolverá na mente a seu próprio modo." (pág. 33), ou seja, todos os mecanismos para aquisição dessa nova língua estão condicionados a variadas características mentais em diferentes situações.

Para que a criança se aproprie de uma nova língua, faz-se necessário trabalhar primeiramente o desenvolvimento de suas potencialidades lingüísticas na língua nativa, para conseqüentemente criar condições para novas aquisições lingüísticas, como uma língua estrangeira.

Ao mencionarmos a escola como transmissora deste conhecimento lingüístico, observamos a preocupação excessiva com os aspectos formais, em detrimento ao contexto em que a língua ocorre em sua abrangência, pois o que se vê com freqüência, é a preocupação do professor com o treinamento intensivo destes aspectos formais, através de exercícios descontextualizadas e "bitolativas", esquecendo a forma como nos foi ensinada a língua materna, ou seja, de forma natural, oralizada e simples sem imposições desconexas.

O grande desafio metodológico, é a dificuldade de uma descentralização do uso da gramática dos adultos sobre a análise dos sistemas lingüísticos em contínuo desenvolvimento durante a aquisição da língua estrangeira.

A fala é o grande recurso de uma língua. Começarmos o ensino de uma língua, nos restringindo apenas na escrita e na leitura, como vemos acontecer, na maioria das vezes, no ensino de língua inglesa, torna este processo demasiadamente enfadonho. John B. Carrol diz:

“Ensine a língua e não a respeito da língua”, com estas palavras percebemos que ao apresentarmos exposições teóricas sobre a estrutura da língua, inseridos em regras gramaticais, deixamos de dar a devida importância a situações lingüísticas reais e autênticas.

Neste sentido, vemos que somente através da assimilação de todo este conjunto acústico pelo aluno é que este estará apto para novas aprendizagens. Por ser assim compreendemos que a língua é essencialmente um conjunto de sistemas e estruturas que possibilita a comunicação entre os indivíduos.

Durante a aprendizagem de uma língua estrangeira não se torna fundamental a evidência de questões conceituais de gramática, mas é primordial na aquisição da linguagem o contínuo desenvolvimento informal que venha a contribuir decisivamente para esta construção progressiva em sistemas sógnicos. Como vemos nestas palavras:

“Aprender não significa armazenar todo estoque de um só golpe. No estudo da língua materna, a criança seleciona as palavras e, para realizar construções gramaticais; não aprende todas as frases possíveis, mas as regras de construção, em virtude das quais conseguirá construir as seqüências sem que, contudo, jamais a tenha percebido.” Slama-Cazacu (p. 43)

Entendemos então que é insensata a introdução de dificuldades gramaticais logo nas primeiras lições do ensino da língua, quando os alunos se debatem ainda com os mais diferentes problemas inseridos nesta fase.

Outro ponto importante a considerar é que a criança não adquire sua língua por um processo de imitação ou memorização cansativa. Sobre estas questões os PCNs comentam que:

“... as Línguas Estrangeiras na escola regular passaram a pautar-se, quase sempre, apenas no estudo de formas gramaticais, na memorização de regras e na prioridade da língua escrita e, em geral tudo isso de uma forma descontextualizada e desvinculada da realidade.” (p.148)

Os métodos que levam o aluno a memorizar listas de palavras, para que amplie seu vocabulário, estão inteiramente equivocados, porque as palavras estão descontextualizadas e não se referem a um encadeamento de idéias, ficando assim fragmentadas e desligadas de uma totalidade significativa.

O professor de língua inglesa deve ainda estar atento para aceitar como “certas”, as respostas de seus alunos que demonstram compreensão do contexto. Verificando esta postura, Passel (p.43) comenta:

“Quanto à pronúncia do aluno, ela será ‘aceitável’, isto é, que os erros que ainda possa cometer não atrapalham a compreensão nem irritem seus ouvintes. (...) no desejo de aperfeiçoar a pronúncia do aluno o professor não se dá conta absolutamente das dificuldades de elocução que esse mesmo aluno encontra na sua língua materna de modo que se chega a exigir do aluno um grau de perfeição na língua estrangeira que ele nem mesmo possui na língua materna e que, conseqüentemente, jamais conseguirá alcançar.”

Desta forma percebemos que no estágio inicial de aprendizagem desta nova língua, a correção deve ser feita com bom senso e moderação, pois todas as pessoas estão vulneráveis a errar, inclusive na sua língua materna. Ainda um outro autor diz:

“O professor não se deve escandalizar demasiadamente com tais erros ou preocupar-se excessivamente com o problema da interferência da língua materna

na aprendizagem, pois, na maioria dos casos, os erros de seus alunos não serão devidos à interferência e sim à tendência à generalização das regras mais simples, como faz a criança, quando adquire a sua língua nativa.” Lima (p.64).

O processo educativo no ensino de uma língua ao ser escrita ou oralizada, acarreta outros processos não menos importantes, que também influenciam na aprendizagem. Dentre estes, a questão da cultura e sua influência no ensino lingüístico como um fator essencial, pois a língua representa um dos aspectos principais da cultura de uma comunidade.

Neste entendimento não deve haver uma assimilação de identidade com o “outro” mas, sim, pensamento crítico, mediante o estudo comparativo e informativo da língua inglesa com a nativa e suas respectivas culturas. Deve-se entretanto preocupar-se com o resguardar da identidade cultural de cada educando, como bem afirma Castro:

“...não podemos ser meros transmissores de conhecimentos e reprodutores de uma outra cultura, mas, pelo contrário, devemos nos sentir responsáveis, como qualquer outro educador, pela educação de indivíduos que reconheçam as contradições ideológicas das sociedades...” (p.27)

A aquisição cultural acontece através da troca de informações entre o conhecido e o novo, representados pela cultura do aluno e pela cultura estrangeira. É a partir dessa integração que o pensamento crítico se desenvolve, permitindo ao aluno avaliar sua cultura e a cultura inglesa, nascendo daí o respeito às diferenças culturais e a valorização da própria cultura.

Ao mencionar o termo cultura, incorporamos também a questão da fala, por ser parte do que chamamos competência comunicativa composta pelo conjunto de regras que vão possibilitar aos alunos a comunicação social, usando assim esta língua de uma maneira eloqüente.

O ensino de língua estrangeira no Brasil em relação à cultura da língua inglesa vem recebendo ultimamente um interesse muito grande em termos culturais, passando a trazer relevantes preocupações, como cita Moita Lopes: "Por um lado observa-se uma atitude exageradamente positiva e de quase adoração pela cultura de língua inglesa."

Observamos que este exagero no contexto escolar deve ser analisado criticamente pois deve-se levar em consideração as questões sociais e políticas envolvidas neste processo.

De um modo geral, a tendência dos países menos desenvolvidos é o de incorporar uma outra cultura, considerada elevada, subentendendo assim que estará em pé de igualdade com uma cultura suprema.

A função da aprendizagem de língua inglesa na escola pública não deve ser a de incorporar uma outra cultura, mas sim a de mostrar a existência das diversidades culturais.

O professor de língua inglesa hoje, precisa urgentemente dessa percepção, trabalhando com seus alunos para que não sejam meros importadores culturais, mas conscientes no ato desta nova aquisição.

É importante observar a realidade lingüística de cada aluno, desmistificando a idéia ingênua de que a sala de aula é uma ilha cultural, pois o professor ao ministrar sua aula deve trazer para o contexto do aluno o que realmente lhe interessa. Além disso na questão do ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, não deve ser priorizada somente a escrita, mas também a oralidade, sendo esta não apenas repetitiva, mas significativa como veremos a seguir:

"Em geral, nota-se ainda hoje uma grande ênfase nas habilidades orais ou, pelo menos muitos exercícios de repetição pela repetição nas escolas em detrimento da concentração em habilidades que correspondam realmente

as necessidades lingüísticas dos alunos...”
Moita Lopes (p.40)

Nesta citação entendemos que não basta a simples repetição ou uso da gramática para tornar possível o ensino de língua inglesa, deve-se levar em consideração todo um contexto, metodologia de trabalhos e aluno enquanto conhecedor de seu mundo, pois este não vem para a escola sem nenhuma noção, e mesmo que não saiba nada sobre a nova língua, é necessário respeitar seu potencial e através disso partir para novos conhecimentos.

A escola descontextualizada pratica um ensino massificante, na medida em que continua a não distinguir os indivíduos, a não assumir as desigualdades tratando a todos como iguais. Maria J. R. Faria Coracini afirma que:

“A maior parte das perguntas que o professor faz, a maior parte dos exercícios de expressão que pede se inscrevem num contexto de comunicação artificial; não se trata de perguntas de verdade, uma vez que quem pergunta sabe as respostas; não se trata de uma mensagem com um sentido autêntico – pois o destinatário já conhece o conteúdo.” (p.09)

Esta é a visão de um ensino mecanicista de aprendizagem que continua a vigorar na realidade da atual escola brasileira, onde o professor também é visto como a única fonte do saber, o controlador da situação por meio dos livros didáticos, e desligados da realidade do aluno.

Diante desses conceitos, cabe-nos destacar a abordagem comunicativa, que reconhece que as estruturas e os vocabulários são importantes, entretanto sentem que a preparação para uma comunicação será inadequada se somente estes forem ensinados, pois sua fundamental característica é de fazer tudo com intenção comunicativa.

Verificando este conceito Almeida Filho comenta:

“Ser comunicativo no ensino de língua estrangeira (LE) é ter uma postura profissional coerente com um conjunto de pressupostos ditos comunicativos. Ser comunicativo é diferente de estar comunicativo temporariamente para realizar uma atividade com os alunos.”

Sendo assim, ao ensinar esta nova língua o professor deve ter um comprometimento coerente com o método a fim de alcançar os seus objetivos reais, de forma esta que não adianta encher-se de materiais ditos comunicativos, deve haver primeiro uma convicção pessoal e a partir daí sim introduzir as ferramentas de ensino.

A aprendizagem escolar desta língua deixa de ser meramente estrangeira para ser conhecimento essencial na experiência pessoal do educando, já que esta aprendizagem não se detém apenas ao conhecimento em si, mas para a vida prática estudantil. Desta forma, o estudo de um outro idioma passa a ser compensador para quem o usufrui pois ultrapassa as regras formais escolares para tornar-se uma abordagem cognitiva e consciente.

Para tanto, o educador precisa promover no ensino desta língua-alvo, momentos de afetividade e motivação suficientes que provoquem no aluno o devido desejo e a necessidade no processo de aquisição desta nova aprendizagem como afirma Almeida Filho (199 : 15):

“Aprender uma língua nessa perspectiva é aprender a significar nessa nova língua e isso implica entrar em relações com outros numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões e mobilizadora para ações subseqüentes.”

Entendemos portanto que aprender uma língua estrangeira sob este prisma, é acima de tudo estar produtivamente inserido neste espaço pedagógico, construindo

significados. Neste processo interacional significativo para o aluno, está refletida a postura comunicativa do professor de língua inglesa. Segundo os PCNs:

“...o processo de construção de significado resulta no modo como as pessoas realizam a linguagem no uso e é essencialmente determinado pelo momento em que se vive (a história) e os espaços em que se atua (contextos culturais e institucionais).”p. 32

Podemos notar com isso que para obter esses significados é preciso passar por uma adaptação para nossa realidade. Existe uma certa resistência ao estudo formal, enquanto que há uma grande assimilação quando se constrói um aprendizado a partir de situações reais. No dizer de Savignon:

“what language teachers today need, then, more than a ready-made method of teaching, is an appreciation both of language as an expression of self and the ways in which meanings are created and exchanged. They need to see the learner as a physical, psychological, and intellectual being with needs and interest that extend far beyond those of the classroom” p.1

Subentende-se então que o ensino deveria estar voltado para contextos concretos e variados da aprendizagem (dentro ou fora da sala de aula), onde os educadores poderiam colaborar mais e com resultados mais precisos com o crescimento dos alunos, em que os conteúdos fossem elaborados a partir do interesse significativo ligado à vida cotidiana dos seus alunos.

METODOLOGIA

Estarei realizando uma pesquisa qualitativa com respostas subjetivas no 1º ano do Ensino Médio de uma escola estadual deste mesmo município, com o objetivo de se conhecer os métodos de ensino utilizado pelo professor.

SUJEITOS

Os 30 (trinta) alunos que responderam a esta pesquisa possuem entre 15 e 17 anos, sendo 17 do sexo feminino e 13 do sexo masculino.

INSTRUMENTO E COLETA DE DADOS

Utilizou-se um questionário com respostas subjetivas contendo 7 (sete) perguntas (em anexo). Este foi entregue aos alunos por mim e devolvido por eles já respondido no mesmo dia.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Explanarei a seguir cada uma das 7 (sete) perguntas e os resultados das mesmas apresentadas aos alunos:

A primeira questão foi: "O que é mais trabalhado em sala, a gramática ou a oralidade? Se a gramática de que forma?".

As respostas da grande maioria (19 alunos) constatavam que era a gramática, através de exercícios.

A segunda pergunta era: "Na aula de língua inglesa, são feitas repetições de palavras ou frases soltas?".

Nesta questão 100% respondeu que sim, realmente são feitas muitas repetições.

A terceira pergunta questionada foi: "Qual é a estratégia de aprendizagem que você utiliza para aprender? Você decora ou você tenta relembrar conceitos vistos em sala de aula?".

A maior parte dos alunos (21) responderam que decoram para realizar suas provas.

A quarta questão era: "Como e com que frequência são corrigidos seus erros orais e escritos?".

Neste item os alunos responderam que são corrigidos sempre.

A quinta pergunta foi: "São discutidas as diferenças culturais entre língua materna e língua inglesa na sala de aula?".

As respostas dos alunos nesta questão ficaram divididas, pois metade respondeu que não e a outra metade respondeu que sim, são comentadas essas diferenças em sala de aula.

A questão de n.º 6 era: "Por que a influência da cultura e língua inglesa é tão forte no Brasil?".

Respostas variadas ("Por que o brasileiro copia a cultura americana", "porque as pessoas estão cada vez mais atualizadas", "Porque em qualquer lugar que for tenho que usar o inglês", "Eu acho que nós nem sabemos a língua Portuguesa, porque ir atrás de outras línguas?", "É muito forte por que quase todos os países falam inglês.", "Porque os brasileiros acham a língua inglesa bonita e diferente e querem mudar um pouco o dicionário brasileiro.") evidenciaram que nem sempre é passado para o aluno de maneira correta a importância de conhecermos uma outra cultura e língua.

A última pergunta questionava: "Nas atividades orais em sala de aula você tem a liberdade de dar opiniões, fazer conclusões e conversar sobre a sua realidade?".

Os alunos responderam que sim, mas disseram que sentem-se envergonhados em expor seus pontos de vistas.

ANÁLISE DE DADOS

Na primeira questão vemos que a oralidade é pouco utilizada, comprometendo com isso o desenvolvimento do aluno. A língua é fundamentalmente um fenômeno oral, e nunca devemos esquecer sua importância na forma oralizada. A forma escrita simplesmente é uma decorrência da língua falada. Quando se prioriza a escrita o aluno passa a ter dificuldades para transformar em habilidade funcional seus conhecimentos adquiridos. .

Na segunda, terceira e quarta questões podemos verificar que geralmente o professor prefere por optar por um ensino mecanicista, o que Rocha comenta: "... um ensino mecânico, onde não há interação verbal; a língua é apresentada aos alunos em fragmentos; dá-se a ênfase a gramática; cobra-se com rigor a correção da fala..."(p.46). Sabemos que a gramática é necessária, mas não é modelo suficiente para aprender uma outra língua. O professor está acostumado a seguir um livro didático, e fazendo isso, ele atém-se à constante teorização das estruturas gramaticais, achando que dessa forma habilitará o aluno a falar, a ler, a entender e a escrever. Com isso muitos estudantes acabam frustrados no seu esforço de memorizar tantas regras, e através delas obter o seu conhecimento e aprendizado.

Nas questões 5 e 6 constatamos que existem poucos momentos separados para se falar e explorar as diferenças culturais, a perceber pelas respostas dos alunos na sexta pergunta. Cabe ao educador aguçar e desenvolver a curiosidade em seus alunos, bem como mostrar o contraste existente entre uma cultura e outra, o conhecido e o novo, para que desenvolva então um pensamento crítico para avaliar tanto uma quanto a outra, nascendo daí o respeito das diferenças culturais e a valorização da própria cultura.

Na sétima pergunta notamos que muitos ainda sentem receio em externar sua opinião, talvez porque o professor não propicie condições para haver um confronto de opiniões, pontos de vista sobre as diferentes realidades, pois o inglês é ensinado sem antes passar por uma adaptação para a realidade do aluno. Nas aulas de língua inglesa, estamos constantemente exercitando a língua. Falando sobre lugares, profissões, comida, o modelo de vida de outro país, coisas que não dizem respeito com a realidade do aluno, de forma que o aluno não consegue obter um processo de significações, imprescindível para o aprendizado, o que prejudica o bom desempenho desses alunos, pois isso faz parte do desenvolvimento e entendimento dos mesmos. Neste caso o aluno deixaria de ser um mero espectador, mas gradualmente passaria a constituir um aprendizado na sua própria experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações contidas no presente estudo, após serem feitas observações, pesquisas de campo e bibliográficas, nos permitiram chegar a algumas conclusões para entender este processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa.

O ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira apresentam um grande potencial em termos de desenvolvimento cognitivo, comunicativo e efetivo do aluno. A oralidade, como uma das habilidades a serem desenvolvidas nesse processo, não deve ser usada apenas como se fosse um exercício de gramática, entretanto deveria oferecer ao aluno uma forma mais eficaz e descontraída de se aprender este novo idioma.

O professor precisa abandonar a visão dogmática de que ensinar língua é ser treinado na utilização de técnicas para o ensino da língua inglesa. Ele precisa de conhecimento de natureza teórica sobre a linguagem, e um conhecimento sobre como atuar nos processos de ensinar/aprender línguas.

É preciso que haja um envolvimento das autoridades educacionais, das universidades através de projetos regionais com o acompanhamento de um lingüista para o ensino de línguas, do professor de línguas com uma nova postura, bem como dos pais dos alunos e deles próprios, com uma visão mais crítica do significado social da aprendizagem de uma língua estrangeira.

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Deise Nanci de. *Do senso comum à prática pedagógica consciente no ensino de língua inglesa*. Goiânia: 1994.
- CHOMSKY, Noam. *Linguística cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Trad. M. Guimarães. São Paulo: Vozes, 1972.
- CORACINI, Maria José R. Faria. *Análise de discurso e uso do texto científico na pedagogia de língua estrangeira*. Campinas: 1990.
- COX, Maria Inês Pagliarini, PETERSON, Ana Antônia de Assis. *Cenas de Sala de Aula*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.
- DE GRÈVE, Marcel. *Linguística e o ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Pioneira, 1975.
- HARMER, Jeremy. *How to teach English*. New York: Longman, 1998.
- LIER, Leo Van. *The Classroom and the Language le arnea*. New York: 1994.
- LIMA, Enny Marins de. *Teoria transformacional e ensino de línguas*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Oficina de Linguística Aplicada*. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.
- PARÂMETROS Curriculares Nacionais. Volumes 1 e 2 (1ª a 4ª séries) Brasília, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental, 1997.
- PASSEL, Frans Van. *Ensino de Línguas para adultos*. São Paulo: Pioneira, 1983
- SANTOS, Sebastião dos. *Manual Prático para o Ensino de Inglês*. Rio de Janeiro: Tecno Print, 1980.
- SLAMA-CAZACU, Tatiana. *Psicolinguística aplicada ao ensino de línguas*. São Paulo: Pioneira, 1979.